



26(2):157-165
jul./dez. 2001

ENTREVISTA COM JEAN HÉBRARD

Jean Hébrard é professor (Maître de Conference) da École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales – Escola Prática de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris, e pesquisador do CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique –, além de atuar no Ministério da Educação francês, como Inspecteur Général de l'Éducation Nationale. Especialista em história cultural, destaca-se por inúmeros trabalhos na área da leitura, especialmente da história da leitura. É autor, dentre tantas outras obras, do livro *Discurso sobre a leitura: 1880-1980*, com Anne-Marie Chartier, publicado no Brasil pela Editora Ática. Também é bastante conhecido seu artigo “A escolarização dos saberes elementares na época moderna”, publicado entre nós pela revista *Teoria & Educação*, n. 2, de 1990. Com várias passagens pelo Brasil, o professor Jean Hébrard é presença marcante no pensamento acadêmico brasileiro e internacional, e concede esta entrevista à *Educação & Realidade*, através da professora Carmem Craidy (do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS), no momento em que participa do IV Congresso de Estudos Luso-Brasileiros de História da Educação, realizado em Porto Alegre em abril de 2002.

Carmem Craidy: No texto “*L'invention de l'illettrisme dans les pays alphabétisés: le cas de la France*” (“A invenção do iletrismo nos países alfabetizados: o caso da França”) o senhor diz que “iletrismo” é uma expressão que serve para acobertar situações diversificadas, de tal forma que se corre o risco de não saber do que efetivamente se fala, quando se usa essa expressão. Então, como seu trabalho sobre “letramento” e “iletrismo” é bastante conhecido entre nós, seria possível explicitar o que o senhor entende exatamente por “iletrismo” e por “letramento”? Quais seriam as diferenças, as semelhanças e as proximidades entre “letramento” e “alfabetização”?

Jean Hébrard: Trata-se de uma questão difícil. Na verdade, ela pode ter uma resposta apenas do ponto de vista histórico, porque evidentemente a alfabetização mudou muito ao longo do tempo, e certamente a relação das pessoas

com a escrita também mudou. Por que mudou? Temos que prestar atenção ao uso que as pessoas e os grupos sociais fazem da escrita, nas diferentes camadas sociais e nos diferentes tempos: para uma grande parte da população, a alfabetização do século XIX significou o acesso a uma nova maneira de se relacionar com os textos; já para outra parte da população, é bem certo que a alfabetização do século XIX não funcionou, assim como hoje ainda não funciona. A cultura escrita atual, em São Paulo, em Porto Alegre, não é a cultura escrita do sertão do Brasil, do sertão da Bahia, do sertão do Ceará. Procurar definir “iletrismo” é uma maneira de universalizar a relação com a escrita; por isso, insisto em que esse tema, esse conceito, esse problema deve ser permanentemente historicizado. Exemplificando muito rapidamente: para a maioria das pessoas alfabetizadas no século XIX, na Europa, e também aqui no Brasil, pode-se dizer que esse aprendizado estava ligado a uma prática de desqualificação muito evidente. Considerava-se que uma pessoa alfabetizada, no fim do século XIX, era uma pessoa simplesmente capaz de ler em voz alta um texto, mas não de entendê-lo, porque entender e ler, naquele momento histórico, configuravam-se como coisas absolutamente distintas e separadas. Em nossos dias, diferentemente, uma pessoa capaz de ler sem entender não é considerada alfabetizada. A questão da definição ou da delimitação do “iletrismo” é então muito complexa e muito relativa. Há muita dificuldade em dizer quantos são os iletrados do mundo de hoje, porque isso depende exatamente da definição do que seja o efetivo uso da cultura escrita, portanto, do que seja iletrismo e alfabetização.

Carmem Craidy: Nesse sentido, poderíamos dizer que o “iletrismo” é um fenômeno de pós-alfabetização?

Jean Hébrard: Eu diria que o iletrismo tem e não tem, ao mesmo tempo, uma relação com a cultura escrita, mas se distingue claramente da alfabetização. No Brasil a situação é muito peculiar, porque aqui os dois elementos estão presentes num mesmo momento e, além disso, sabe-se que uma parte da população ainda não é alfabetizada. No Nordeste há muitas pessoas que nasceram e moram numa família onde ninguém, jamais, aprendeu a ler. Mas, também há pessoas que estão se alfabetizando, filhos de gente alfabetizada e que não são, entretanto, capazes de trabalhar com a textualidade, com a escrita do mundo contemporâneo; portanto, pode-se dizer que são sujeitos iletrados. Penso que se trata efetivamente de uma definição muito complexa e difícil de delimitar. Hoje, por exemplo, fala-se muito em “iletrismo informático”. E o que é o “iletrismo informático”? Bem, muitas pessoas da minha geração são “iletradas” em informática e, mesmo assim, são pessoas bastante instruídas, com um considerável nível de informação, mesmo que não dominem essa simples escrita específica, dada pela informática. Na verdade, para a nossa geração foi preciso se “re-alfabetizar” nesse novo tipo de escrita contemporânea.

Carmem Craidy: Então a alfabetização seria uma forma específica de relação? Não apenas o domínio de um código, mas uma forma específica de relação?

Jean Hébrard: Exatamente. Acontece que o código, ele mesmo, é insuficiente; o código é somente uma parte da leitura. E as pesquisas no campo da psicologia são muito claras nesse sentido: o cognitivismo, por exemplo, nos permite uma boa descrição do processo da leitura. Trata-se de dois aspectos da prática de leitura: de um lado, poderíamos dizer que aquilo que permite reconhecer as palavras seria o aspecto automático, é o que se refere à alfabetização tradicional; de outro, aquilo que permite fazer um tratamento dessa palavra como algo conhecido eu diria que tem a ver com uma grande e complexa cultura. Para ler um texto complexo é preciso ter a cultura que corresponde a essa complexidade. E hoje isso se torna mais e mais difícil de ser experimentado, considerando a totalidade do texto que existe no mundo. Penso que se trata de um amplo processo de fragmentação coletiva da cultura escrita. No século XIX, uma pessoa poderia ter uma visão rápida e total e deter o controle de toda uma cultura escrita. Hoje isso é completamente impossível, impraticável.

Carmem Craidy: Nesse sentido, a informatização criou novos instrumentos de relação, de comunicação – de uma certa forma um novo texto, um novo hipertexto e uma nova cultura também. Caberia indagar então: como é que se situa a cultura escrita, o livro, particularmente a cultura do livro e a cultura do texto escrito, em relação a essa nova forma cultural, a essa nova forma de relação, à nova tecnologia, a esses novos códigos que se constituem na sociedade informatizada? Que relação você faria entre esses dois processos?

Jean Hébrard: Penso que se trata de processos totalmente diferentes, porque a cultura do livro é uma cultura mais específica, já antiga, mas com um sistema de referência interno na cultura. Para entender um texto é preciso muita familiaridade com os intertextos e com os sistemas de ligação que esse texto tem com todos os demais. É algo muito específico. Já o outro processo é bem distinto. Os jovens que hoje dominam a informática estão organizando um mundo totalmente diferente, sem relação nenhuma com o mundo do livro. É verdade que, para a nossa geração, é muito difícil entrar nesse novo mundo. Nossa geração faz uso da cultura da informática de uma maneira muito limitada. Sabemos fazer com o computador o que sabemos fazer com a pena, não a pena de ganso, mas a caneta, o lápis – e não sabemos fazer com o computador o que, por exemplo, meu neto sabe fazer, já com dois anos e meio. Essa criança vem de uma cultura nova, de um novo sistema de referência. E esse novo sistema vai fazer com que o computador conviva ao lado do mundo da cultura escrita. O mundo do computador vai acabar com o mundo da cultura escrita? Não sei, são dois mundos que podem conviver entre si, lado a lado, ao mesmo tempo. A alternativa, inclusive, poderá ser que um grupo viva quase exclusiva-

mente com a cultura escrita tradicional, e o outro predominantemente com a nova cultura da informática. Bom, para nós da cultura tradicional, o mundo da informática parece muito estranho e não o entendemos exatamente como uma cultura; porém, talvez o que ocorra seja bem o inverso: nossa cultura antiga é que já não seria propriamente a cultura destes tempos. E isso é absolutamente normal que esteja acontecendo.

Carmem Craidy: Bom, é comum – e nos seus textos aparece isso também – considerar-se, digamos assim, a escola como uma dimensão fundamental da cultura moderna e, particularmente, da cultura letrada. Escola e letramento vêm juntos nessa história?

Jean Hébrard: Exatamente.

Carmem Craidy: Eu lhe perguntaria, então, qual o sentido da escola hoje? Ele muda? Desaparece? Ele continua vinculado à cultura letrada? Ele se amplia? Enfim, nessa sociedade do texto fragmentado, da cultura fragmentada, nessa sociedade em que emergem novas formas de relação, em decorrência da informática, qual o papel da escola?

Jean Hébrard: Acredito que é muito importante pensar que a escola tem, em cada momento de sua história, um papel conservador. Para a escola, o problema não é antecipar a devolução da cultura, e, sim, ter que fazer um resumo da cultura passada e dar à nova geração essa certeza do passado. Eu penso que o melhor que se pode fazer para a educação é, antes de pretender fazer a revolução em nome da nova geração – o que seria uma violência enorme –, testemunhar para eles o mundo antigo, o mundo ao qual pertencemos. As crianças necessitam desse apoio na cultura já construída para inventar coisas novas. É preciso deixar a nova geração inventar um mundo novo.

Carmem Craidy: Mas não lhe parece que dessa forma há uma diferença significativa, por exemplo, de um país como a França, em relação a um país como o Brasil? Eu vivi seis, sete anos na França, sou professora no Brasil há muitos anos e constato que há uma parte muito significativa da população brasileira para quem a escola é a única oportunidade de convívio com os iguais e de convívio com a cultura escrita. E mais, para alguns, como é o caso dos meninos de rua, ou de periferias muito pobres, a escola se constitui quase uma possibilidade civilizatória. Neste caso, acho que muda um pouco o sentido da escola, que vai além de ser simplesmente uma síntese da cultura passada. Ela tem, me parece, um sentido de integrar essas novas gerações num processo de cidadania.

Jean Hébrard: Exatamente. Eu penso que uma função importante da escola também é a integração social. Já para Durkheim a função da escola está na integração social. É verdade que na França a escola já é muito integrada e integradora. Não existe na França – como aqui no Brasil –, essa divisão entre escola particular e escola pública. Lá, todas as escolas são públicas, mesmo as escolas particulares. A única diferença entre escola particular e escola pública é a questão da religião: ou seja, o que a escola particular tem a mais é o ensino religioso. Mas a questão da integração é muito importante. O que é uma integração? Uma integração não é somente uma socialização daqueles que precisam (ou devem) se socializar, se “desselvagizar”, como é o caso dos meninos de rua, para aprender a viver junto com as outras pessoas; ora, isso só não é suficiente, não seria uma integração satisfatória. Repito: a integração deve ser também cultural, ou seja, deve contemplar a questão do saber. É preciso socializar e criar uma integração cultural, e mesmo para criar uma integração cultural é necessário que a escola veicule uma cultura da integração, e não uma forma única de cultura. Essa é uma das questões mais interessantes de se pensar hoje: como fazer uma definição da cultura da integração? O que é uma cultura da integração? Porque, na verdade, mesmo nos anos 60, na revolução de 68 – e essa revolução cultural não aconteceu somente na Europa, mas no mundo inteiro – o que há é a aparição de uma cultura jovem e de uma cultura dos jovens das classes médias. Bem, essa revolução de 68 dá uma idéia falsa do que é uma cultura, porque uma cultura escolar não será a cultura somente de um grupo social, de uma única classe social. Dizer que a cultura escolar é a cultura das classes médias é um erro. Eu penso que uma das razões do fracasso escolar de hoje é que se busca integrar a todos na cultura das classes médias, desconsiderando as diferentes culturas – por exemplo, a cultura das famílias de classes populares. A cultura das classes médias não pode ser a base da cultura escolar, que deve ser mais que universal. É difícil hoje se fazer uma definição do que é essa cultura. As discussões sobre os parâmetros curriculares no Brasil foram muito interessantes, porque na verdade você lê os parâmetros curriculares e constata que o que há neles é exatamente a cultura das classes médias. Eu penso que isso não é bom, porque a cultura das classes médias no Brasil é uma cultura muito particular, específica. A questão mais difícil é o que pode ser a cultura escolar, e o que ela pode fazer com cada um, a partir do lugar que ele ocupa na cultura. Na verdade, é preciso reinventar hoje, no mundo inteiro, a cultura escolar. A esse respeito é interessante a definição que dá o semiólogo, Théodore Todorov, sobre o que pode ser uma cultura básica: uma cultura básica, para ele, é o princípio da conversação. E o que é o princípio da conversação? É o que você não precisa dizer, porque cada um entende. É essa maneira de partilhar coisas simples, que são evidentes, que são saber, que são informação, e que cada um conhece. É a base de uma socialização para todos. Eu penso que o papel da escola, hoje mais do que nunca, é

construir o saber com todos os alunos, tanto os alunos das classes médias, como os alunos das ruas, porque os meninos das ruas têm também o mesmo direito de compartilhar todos esses saberes.

Carmem Craidy: Mas quais são esses saberes básicos?

Jean Hébrard: Eu penso que são muitos e muito simples. Eu penso, por exemplo, que a literatura infantil faz parte desses saberes. Grandes textos como *Pinóquio*, *Alice no país das maravilhas*, e mesmo outros textos de nosso tempo, todos são grandes textos na cultura universal.

Carmem Craidy: Quer dizer que a escola básica é um lugar de cultura e não de tecnologia?

Jean Hébrard: É, exatamente. Porque a presença da literatura na escola é uma coisa fundamental. Eu preferiria uma escola sem alfabetização e com literatura, do que uma escola com alfabetização perfeita, mas sem literatura. Porque não há problema de alfabetização com a mídia contemporânea, com o rádio, a televisão...

Carmem Craidy: Ou seja, é com literatura que se alfabetiza?

Jean Hébrard: Sim. Com literatura e com história. A escola é o lugar do encontro de culturas. Isso me lembra uma discussão da qual participei aqui, sobre como constituir uma história escolar no Brasil. Foi uma discussão terrível, difícil, exatamente porque o que está em jogo é saber que essa história deve ser uma história que abarque todos os brasileiros. Não é possível inventar uma história desde o ponto de vista de um único grupo social. Não dá. Imagine o índio não mais poder falar com um descendente de escravos, porque aprendeu apenas a cultura indígena, e o grupo iorubá aprendendo somente a cultura iorubá. Isso seria absurdo!

Carmem Craidy: É preciso haver uma cultura nacional?

Jean Hébrard: É preciso constituir uma cultura nacional e uma cultura internacional, porque é necessário saber o que é o mundo e não somente o próprio país. Eu penso que fechar a cultura em uma cultura local pode ser inconseqüente: levar a uma unificação do mundo, sem fazer a unificação do sentimento. A verdade é que quem vai fazer a unificação do sentimento comum é a telenovela, o *Jornal Nacional da Globo*. Não é possível que a escola fique de fora, que a escola esteja fora da vida cultural. Seu núcleo é o mesmo da vida cultural.

Carmem Craidy: Você é assessor do Ministério da Educação francês e já assessorou o Ministério da Educação brasileiro. Eu lhe perguntaria o que de importante acontece, hoje, na França, em termos de educação, e inclusive gostaria de ter uma notícia sobre como evoluíram as Zonas de Educação Prioritária (ZEP), que buscavam justamente essa integração? Também perguntaria, num segundo momento, qual sua visão sobre a educação brasileira?

Jean Hébrard: Sobre a evolução da educação francesa temos dois problemas. O primeiro problema é a escola média. Interessante, pois esse é também um problema fundamental no Brasil de hoje.

Carmem Craidy: Talvez o maior problema do sistema brasileiro.

Jean Hébrard: O que ocorreu na França é que desenvolvemos, nos anos 70, 75, uma escola média para todos. É um fracasso, porque essa escola média para todos foi organizada com o modelo do “Liceu”, do clássico, e isso não funciona, não pode funcionar assim. O grande desafio, hoje, é reorganizar a escola média francesa. O segundo desafio que temos é importante também. O Ministro me pediu para fazer um relatório sobre isso. O problema é da integração, mais precisamente. A pergunta do Ministro foi: “Como é possível reorganizar a escola francesa para que seja um dispositivo de miscigenação social e não de segregação social?” É a questão das Zonas de Educação Prioritária (chamadas ZEP, destinadas a regiões em que havia baixo aproveitamento escolar): essas zonas foram organizadas em 88 e agora já temos o suficiente para fazer um balanço de tudo isso. Pedagogicamente, a consequência é boa, as atividades dos alunos melhoraram qualitativamente. Mas uma consequência muito ruim foi que a política das Zonas de Educação Prioritária agravou o problema da segregação social. Porque uma Zona agora, na França, é o lugar de onde fogem todas as famílias que estão em ascensão social.

Carmem Craidy: Essas famílias não querem ser discriminadas?

Jean Hébrard: Exatamente.

Carmem Craidy: Porque a Zona da Educação Prioritária é voltada para essas regiões menos favorecidas?

Jean Hébrard: Sem dúvida. Esta é uma questão muito importante. A política escolar não deve ser uma política de particularização. É interessante uma política mais ofensiva, mais dinâmica, com mais empenho em dar financiamento, oferecer subsídios para reorganizar a miscigenação social dentro da escola.

Carmem Craidy: Essa política deve ser uma política *para* a cidade ?

Hébrard: Trata-se de uma política de reorganização do usuário da escola. Bem, não podemos tocar no usuário. O usuário não é um problema do Ministério da Educação. O que podemos fazer são setores de escolarização, ou seja, escolas miscigenadas para o bem comum, miscigenadas socialmente. E, depois, dentro desses setores, com outros intersetores, podemos organizar algo novo, com subsídios específicos para todos os professores, para todas as escolas, que vão tentar reorganizar uma política não de segregação, mas de miscigenação. Como se vai trabalhar com o filho do professor da universidade e com o filho do desempregado – essa é a questão para nós hoje. Eu penso que para os estados democráticos, como a França e como o Brasil, essa questão da miscigenação é a mais importante hoje. Estávamos trabalhando com a obra sobre Gilberto Freire, justamente a respeito desse tema. A miscigenação racial, no Brasil, é também miscigenação social.

Carmem Craidy: E qual a sua visão sobre a educação básica brasileira e sobre as universidades brasileiras?

Jean Hébrard: As universidades brasileiras são para nós muito próximas. O Brasil tem muitas boas universidades, em geral. A universidade brasileira se transforma dia após dia, é muito democrática. Muitas pessoas questionam a massificação da universidade, especialmente considerando a expansão das universidades particulares. A discussão sobre o papel da universidade particular para nós da França tem muito interesse, porque se trata de algo muito diferente de nossa realidade. É curioso ver que são as classes médias e baixas que usam essas universidades e que a universidade pública abriga grande parte da classe média alta.

Camem Craidy: Isso é parcialmente verdadeiro. Nos dados da UFRGS isso não se confirma. Metade dos nossos alunos são de classe média/baixa.

Peau Hébrard: Bom, é normal haver um crescimento da participação das classes médias baixas.

Carmem Craidy: O corte social se dá mais pelo tipo de curso do que pelo fato de ser universidade particular ou pública.

Jean Hébrard: É verdade. Toda essa questão é muito importante para pensar o desenvolvimento da universidade de amanhã, porque é a questão da democratização da universidade que está em jogo. Existem muitas maneiras de se fazer uma boa democratização da universidade. Posso dizer que na Fran-

ça temos um problema semelhante, dentro da universidade pública, que é a oposição entre grandes escolas (*Grandes Écoles*) para a elite, e a universidade para as classes média e baixas. É verdade que as universidades públicas da França recebem mais alunos de classes médias e baixas. A questão do adolescente, no Ensino Fundamental no Brasil, é uma questão muito importante. Temos trabalhado sobre essa questão, na cooperação entre a França e o Brasil, desde o fim dos anos 80, e não posso dizer que não tenha havido um progresso importante. Penso que a LDB, o FUNDEF, principalmente para o Nordeste, trouxeram um desenvolvimento muito importante para essa primeira escola. Na verdade, é imenso o trabalho de informação, de capacitação, o trabalho de desenvolvimento da estrutura escolar. Para nós, europeus, o mais difícil de entender – na escola básica do Brasil – é a falta de prédios e o fato de haver três turnos de atividade escolar. Bom, o turno da noite é algo muito, muito importante, porque permite a muitas pessoas fazerem o que não conseguiram fazer antes. Porém, o fato é que há um tempo de escolarização muito reduzido no caso dessa educação feita em turnos. O maior problema em se fazer uma escola média mais desenvolvida está relacionado ao da qualidade/quantidade de informação/formação da primeira à quarta série. Penso que isso é insuficiente no Brasil. O tempo de escolarização aqui é insuficiente. É muito interessante ver que na Europa a escola é a casa das crianças, a vida delas é a escola, elas vivem lá mais do que no interior da família. Aqui no Brasil a vida escolar é uma parte mínima do cotidiano da criança. As crianças moram bem mais fora da escola do que dentro dela. Eu penso que a escola não tem, no Brasil, o poder simbólico de reorganizar a vida dos alunos. Ela não é mais a unidade forte em sua vida, e esse é o grande problema do desenvolvimento da escola básica brasileira.